

“O Brasil não deve ser...

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

se manifestar. A impaciência dos americanos tem que diminuir. Depois, tenho certeza de que, em todos os pontos fundamentais que precisam ser votados, o Congresso não faltará com seu apoio. Mas repito, não quer dizer que será tudo exatamente como os americanos querem.”

INFLAÇÃO

Ele registrou que a inflação no Brasil começa a dar sinais de ceder, e indicou que outro tema que precisa ser resolvido, além da dívida externa, é o da propriedade intelectual. Aqui, pon-

derou outra vez que “o Brasil não pode fazer como o vizinho que aceita tudo que os EUA querem, pois precisa examinar também o que lhe interessa”.

Depois elogiou o presidente Fernando Collor de Mello: “Ele teve a humildade de aceitar críticas, inclusive minhas, e mudar o seu governo. Com isso já começa a recuperar a credibilidade. Estou muito satisfeito com o que ele está fazendo, e espero que continue” no mesmo caminho. Destacou também o trabalho do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

Admitiu que a eleição de Collor provocou um otimismo grande no Brasil e sobretudo nos EUA, que se

transformou em decepção. Mas assegura que, após a reforma do Ministério, a situação interna mudou, “e uma nova era está começando para o País”.

Magalhães está convencido de que a volta do investimento externo direto ao Brasil “depende da solução da dívida externa”, e reconheceu que a demora nas negociações “está atrapalhando a volta do investimento”. Disse que a solução desse problema “é boa para o Brasil, não só para os EUA”, mas insistiu na necessidade de maior boa vontade do lado norte-americano também: “Quando eu comparo nossa situação com a do México”, disse, “observo que o México teve boa vontade

demais, enquanto os outros, inclusive o Brasil, estão recebendo boa vontade de menos. Uma das coisas que pretendo fazer a Deus é que não nos deu uma fronteira com os EUA”.

O governador disse que ficou feliz de ir aos EUA tratar de assuntos do interesse do Brasil, embora seu objetivo primário tenha sido negociar empréstimos para a Bahia no Banco Mundial (BIRD) e no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Mandou distribuir folhetos sobre o seu estado, e registrou que, tendo recebido o governo com um déficit de US\$ 28 milhões, veio para os EUA no topo de um superávit de US\$ 234 milhões.

“O Brasil não deve ser rígido nos detalhes”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O Brasil deve fazer logo um acordo com os bancos estrangeiros, sem ficar preso a “uma vírgula aqui, outra ali”, na atual renegociação da dívida externa. A observação é do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, durante um almoço com banqueiros e empresários organizado pela Câmara de Comércio Brasil-EUA no hotel Saint Regis.

Em sua conversa com o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, em Washington, Magalhães tratou do assunto e ouviu dele essa indicação de que o Brasil não deve ser tão rígido nos detalhes. “O importante é tirar logo este problema da dívida da nossa frente, para que novos e grandes investimentos externos retornem ao Brasil”, acrescentou.

Mulford tem ajudado o Brasil, informa o governador, passando aos bancos a mensagem de que é bom retirar logo este problema da dívida da agenda do País. Indagado posteriormente por este jornal se a seu ver o Congresso aprovaria sem problemas um acordo com os bancos, a despeito de mudanças “em vírgulas aqui e ali”, ele respondeu com bom humor: “Ai depende também

de onde colocarem as vírgulas, mas eu creio que sim”.

Sua exposição no hotel Saint Regis não poderia ter sido mais franca. “Em minha audiência com o subsecretário de Estado para a América Latina, Bernard Aronson, também tive divergências. Os EUA estão um pouco com a posição de agora o modelo é este, todo mundo tem que segui-lo. Se isso fosse certo, não haveria mais crise no mundo”, argumentou.

O governador da Bahia disse a Aronson que “não pode ser tudo como vocês querem” e acentuou que “os EUA precisam ter boa vontade com o Brasil”. Observou que há muita preo-

Antônio Carlos
Magalhães

cupação no Departamento de Estado com a votação de diversas medidas importantes no Congresso e não vê razão para temores: “Primeiro, os EUA precisam entender que não pode haver regime democrático real se o Congresso não

(Continua na página 28)

O governo argentino modificou a sua proposta de negociação da dívida, oferecendo um pagamento imediato de US\$ 400 milhões, e pedirá aos bancos o perdão para somente 37,5% do débito principal devido pelo país, cerca de US\$ 23 bilhões, em vez dos 40% propostos anteriormente.